

Cattleya Lindl. no Brasil: Regiões Sudeste e Sul.

Delfina de Araujo

Fotografias: Sergio Araujo
delfinadearaujo@gmail.com

Resumo: Com mais de 30 espécies ocorrendo no Brasil, o gênero *Cattleya* Lindl. (sentido tradicional) está distribuído por quase todos os biomas brasileiros, com maior concentração na Mata Atlântica. Essa segunda parte do artigo é sobre as espécies que ocorrem nas regiões Sudeste e Sul, com dicas sobre as condições de cultivo. São relacionados também os híbridos naturais e feitas considerações sobre o estado de conservação.

Palavras chave: *Cattleya*, Brasil, Mata Atlântica.

Abstract: (*Cattleya* Lindl. in Brazil: Southeast and South regions). With more than 30 species native from Brazil, the genus *Cattleya* Lindl. (*sensu strictum*) occurs in almost all Brazilian habitats, and are more concentrated in the Atlantic Rainforest. This second part of the article is about the species from the Southeast and South regions, including tips about growing conditions. Some natural hybrids are listed as well as the conservation status of the species.

Key words: *Cattleya*, Brazil, Atlantic Rainforest.

Na primeira parte deste artigo (Araujo, 2016), foram abordadas as espécies brasileiras do gênero *Cattleya* que têm como principal ou como única área ocorrência as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Nessa segunda parte do artigo, estão englobadas as espécies com ocorrência nas regiões Sudeste e Sul.

A região Sudeste, que inclui os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, possui um clima predominantemente tropical. Já a região Sul, compreendendo estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, está toda abaixo do Trópico de Capricórnio, sendo considerada como zona temperada. Nos estados da região Sul e em áreas montanhosas da região Sudeste, a temperatura mínima absoluta pode atingir patamares bem baixos, (-6°C ou menos) e em outros lugares, a máxima absoluta pode atingir 45°C . A região Sudeste possui duas estações mais acentuadas: a estação das chuvas (primavera e verão) com a temperatura mais elevada e a estação das secas (outono e inverno) com a temperatura mais amena. Na região Sul, percebe-se melhor as quatro estações.

A característica que une as duas regiões é que a maior parte faz parte do Bioma Mata Atlântica. Como exceção, temos o Bioma Pampa ocupando parte do Rio Grande do Sul e faixas dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná que estão incluídas no Bioma Cerrado. Atualmente, a Mata Atlântica, mesmo com a área bastante reduzida,



Fig. 1 – *Cattleya forbesii*.

ainda está presente em todos os estados destas duas regiões. Hoje, este bioma cobre principalmente as áreas montanhosas e íngremes da Serra do Mar, Serra Geral, Serra da Mantiqueira e várias outras áreas serranas com denominações locais, como a Serra dos Órgãos, RJ. A diversidade vegetal e o endemismo são altos no Bioma Mata Atlântica, com alguns ambientes de elevada umidade. Originalmente, estas regiões abrigavam um bom número de espécies e híbridos naturais de *Cattleya* e existem relatos de elevado número de indivíduos (por exemplo, Hoehne, 1949). Devido a derrubada da floresta e à coleta de plantas, hoje a maioria das espécies do gênero está sob algum risco de ameaça.

Na primeira parte do trabalho sobre o gênero *Cattleya* nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, falamos sobre a distribuição

geral das espécies do gênero no país e sua capacidade de hibridação, destacando as espécies: *C. aclandiae*, *C. araguaiensis*, *C. eldorado*, *C. elongata*, *C. granulosa*, *C. jenmanii*, *C. kerri*, *C. labiata*, *C. lawrenceana*, *C. luteola*, *C. nobilior*, *C. silvana*, *C. tenuis*, *C. violaceae*, *C. walkeriana* e seus híbridos naturais (Araujo, 2016).

Algumas das espécies relacionadas nessa segunda parte são exclusivas das regiões Sudeste e/ou Sul. No entanto, *C. amethystoglossa*, *C. guttata*, *C. harrisoniana*, *C. leopoldii*, *C. loddigesii*, *C. schilleriana*, *C. shofieldiana* e *C. warnerii* são citadas também para áreas de Mata Atlântica de estados do Nordeste, além de *C. bicolor* Lindl., registrada também para o Cerrado de Goiás (região Centro Oeste).

***Cattleya amethystoglossa* Linden & Rchb.f. ex Warner**

Espécie bifoliada da Mata Atlântica ocorrendo como epífita sobre grandes árvores. É originária de locais cujas altitudes não ultrapassam a 400m, principalmente do estado da Bahia, nos municípios situados no recôncavo baiano, em região de clima quente. É relatada também para o Espírito Santo (próxima à divisa da Bahia), Minas Gerais e Pernambuco. Seu habitat apresenta boa iluminação, calor e relativa umidade atmosférica.

Hoje só é encontrada vegetando em árvores, mas a literatura indica que já foi coletada vegetando sobre rochas. É uma das maiores plantas do gênero, podendo atingir 1m de altura, mas, em geral, varia entre 25 a 50cm. Touceiras bem formadas podem

produzir cachos de até 30 flores (aproximadamente 10cm de diâmetro) embora o mais comum seja apresentar em torno de oito. O colorido varia indo desde o branco puro até o rosa-escuro, pintalgado de vermelho venoso por pontos que, às vezes, chegam a ser salientes. Seu período de floração é bem variável, indo desde o mês de agosto até abril. Suas folhas são coriáceas, muitas vezes salpicadas de castanho-avermelhado.

Possui dois híbridos naturais já descritos: *C. x little leopard* (com *C. aclandiae*) e *C. x gaezeriana* (com *C. bicolor*).

Precisa de muita luminosidade, de preferência recebendo o sol matinal, local bem ventilado e com umidade atmosférica em torno de 60-70%. Deve ser bem regada durante o período de crescimento seguido de um período de repouso, mas é preciso cuidado para não deixar o substrato seco durante muito tempo para que não ocorra e enrugamento de seus pseudobulbos tipo “cana”.

***Cattleya bicolor* Lindl.**

Espécie bifoliada de médio a alto porte, pode ultrapassar 1m de altura, crescendo como epífita sobre galhos das árvores e, às vezes, sobre rochas cobertas de musgo, próxima a rios e cursos de d'água. Originalmente, era amplamente distribuída na Mata Atlântica e em regiões de matas úmidas em área de Cerrado, em altitude variando de 600 a 1.200m, nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro (Serra dos Órgãos), São Paulo, Goiás e Distrito Federal.

Suas flores são perfumadas surgindo em número de 3 a 10 por haste com até 10cm de diâmetro. Sua característica é ter labelo muito vistoso e que transmitido à sua progênie (seus híbridos). Floresce de setembro até março com pico de janeiro a março.

É subdividida em três subespécies: *C. bicolor* subespécie *bicolor*, *C. bicolor* subespécie *minasgeraisensis* e *C. bicolor* subespécie *brasiliensis*. Lou Menezes (2004), menciona outras variedades: *C. bicolor* var. *canastrensis* e *C. bicolor* var. *crassifolia*. Possui alguns híbridos naturais e o mais conhecido é *C. x batalini* (com *C. intermedia*). Não é uma planta de cultivo fácil sendo indicada para clima mais ameno, embora tenha que ser protegida do frio excessivo. Prefere locais ensolarados, sempre bem ventilado, de preferência dependurada para facilitar a drenagem, a ventilação e evitar as pragas. Ela é particularmente sensível a reenvaso fora de época, portanto, é imprescindível que se aguarde o surgimento de novas raízes, no outono. Gosta de muita rega durante o período mais quente, mas no período mais frio, reduza a rega, sem interrompe-la completamente. No entanto, é preciso cuidado para não deixá-la completamente seca durante muito tempo a ponto de se enrugar.

***Cattleya dormaniana* (Rchb.f.)Rchb.f.**

Espécie bifoliada, possui uma aparência diferente da maior parte das outras espécies. Seu habitat é restrito ao estado do Rio de Janeiro, onde ocorre em regiões montanhosas, na Serra dos Órgãos, entre 600 e 1000m de altitude. Suas flores possuem de 8cm de diâmetro, são marrom-avermelhadas, com labelo trilobado que envolve totalmente a coluna. Floresce em janeiro e fevereiro e, eventualmente em março.

Poucas formas de cor são conhecidas: a variedade alba com pétalas e sépalas verdes e o labelo branco, a variedade semi-alba e a flâmnea. Há registro de um híbrido natural: *Lc. x porphyrites* (com *Laelia pumila*).

Não é uma planta robusta e é considerada de difícil cultivo, mas, em ambiente propício, se desenvolve com um pouco mais de facilidade. Precisa de frio, luz moderada e umidade ambiental elevada. Se cultivada em clima quente e seco, a planta consegue resistir por algum tempo, mas acaba regredindo e produz flores sem substância. A rega deve ser reduzida no inverno, mas não interrompida para que não ocorra o enrugamento de seus pseudobulbos tipo “cana”.

***Cattleya forbesii* Lindl.**

É uma espécie bifoliada de distribuição ampla, tendo sido registrada para todos os estados das regiões Sudeste e Sul, com exceção do Espírito Santo. Ocorre em geral em locais de baixa altitude (sobretudo em áreas de brejo), mas é também encontrada em altitudes elevadas.

Planta de pequeno porte, atinge 25 cm de altura, podendo formar touceiras bem grandes, fazendo sobressair a beleza de suas discretas e delicadas flores de até 12cm de diâmetro. Em geral, floresce no final da primavera estendendo a floração até fevereiro, mas pode florescer em outras épocas também.

Seu colorido varia desde o verde até o marrom-claro, mas possui outras formas de cor e, em geral, o labelo é igual. Na forma albina, as pétalas e sépalas são verde-claras e o labelo branco.

Possui registros de híbridos naturais e o mais conhecido é *C. x venosa* (com *C. harrisoniana*). Em hibridação transmite seu crescimento fácil, gera plantas com flores que variam do amarelo a marrom e tem a predominância no colorido do labelo.

É uma espécie bastante adaptável de diversas condições de cultivo. Desenvolve-se bem tanto em clima quente quanto mais frio, necessitando de um verão quente. Gosta de ambiente bem iluminado e de umidade elevada. Como toda espécie de pseudobulbo fino, tipo “cana”, precisa de umidade elevada para se desenvolver.

***Cattleya guttata* Lindl.**

Espécie bifoliada que ocorre na região litorânea (mais quente), mas se adaptou a altitudes médias até 600m acima do nível do mar. É nativa de todos os estados das regiões Sudeste e Sul e também já foi registrada para estados do Nordeste. Seu habitat possui 60 a 80% de umidade atmosférica, com temperaturas entre 25° e 40°C. Planta vigorosa, de grande porte, há relatos de terem sido encontradas plantas de até 1,80m de altura. Suas hastes podem carregar até 30 flores de boa substância, de aparência cerosa, de colorido muito variado desde amarelo-esverdeado até verde-amarronzado, com pintas marrom-avermelhadas sobrepostas. A espécie é frequentemente confundida com *Cattleya tigrina* e/ou *C. leopoldii*, mas a prática mostra uma característica de fácil identificação: as flores da *C. guttata* saem de espata já seca e as da *C. tigrina* saem de espata ainda verde.

Há registro de ocorrência de híbridos interespecíficos e intergenéricos (com *Brassavola*, *Schomburgkia*, *Laelia*, sentido tradicional).

Pode ser cultivada desde clima quente ou em temperatura mais amena. Regue mais generosamente durante o período de crescimento, nos meses mais quentes e reduza a rega durante os meses mais frios. Uma boa queda de temperatura do dia para noite é muito benéfica para sua floração.



Fig. 2 – *Cattleya guttata*.

***Cattleya harrisoniana* Bateman ex Lindl.**

Espécie bifoliada da Mata Atlântica, ocorre desde o nível do mar, em regiões quentes (em geral em locais brejosos), até 600/800m de altitude. É nativa do sul da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Nos manguezais, no estado do Rio de Janeiro, ocorre, muitas vezes, associada ao *Oncidium flexuosum*. Há ocorrência de diversos híbridos naturais e o mais conhecido é *C. x venosa* (com *C. forbesii*), já citado.

Lança nova brotação no final do inverno ou princípio da primavera e floresce logo a seguir (final da primavera ou princípio do verão), com a espata ainda verde, mas podem ocorrer duas florações no ano. Cada haste carrega 2 ou 3 flores e com mais de uma haste ao mesmo tempo. As plantas encontradas em altitudes mais elevadas possuem flores de cores mais escuras (lilás escuro) enquanto que as encontradas ao nível do mar produzem flores lilás-claro ou rosadas.

Planta bastante adaptável, pode ser cultivada em clima quente, ameno ou frio. Precisa de uma boa rega durante o período de crescimento e um período mais seco, durante o inverno.

***Cattleya intermedia* Graham**

Espécie bifoliada da Mata Atlântica, ocorre desde o estado do Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro. Ela aparece nas matas ciliares, nos grandes banhados que ocorrem às margens da Lagoa de Patos, crescendo sobre pequenos arbustos, cactos, sobre *Erythrina* (corticeira, de casca rugosa). A corticeira tem suas raízes e parte do tronco submersos durante o ano todo, perdendo suas folhas durante o período mais frio, o que as deixa expostas a uma luminosidade muito intensa. Aparece também em área de manguezal (na costa de São Paulo) e em restingas. Produz nova brotação no final do inverno ou princípio da primavera e floresce logo a seguir. Sua haste pode carregar até 9 flores, de 10 a 12cm de diâmetro, abertas ao mesmo tempo. Sua forma de cor mais apreciada é a “aquini” que transmite para a progênie belos efeitos de mesclagem de cores.

Em hibridação, transmite também seu rápido crescimento e floração precoce para o gênero. Requer bastante luminosidade, bastante umidade e um inverno mais seco. Com grande resistência à variedade climática, pode ser cultivada tanto em locais mais quentes quanto em locais de temperatura bem mais amenas.



Fig. 3 – *Cattleya intermedia*.

***Cattleya tigrina* A.Rich.**

Mais conhecida por seu sinônimo, *Cattleya leopoldii* Verschaff. ex Lem (Braem, 1984 e Flora do Brasil). Espécie bifoliada da Mata Atlântica de grande porte, podendo ultrapassar 1m de altura. Provoca bastante controvérsia pois muitos estudiosos consideram que pode se tratar de uma variedade de *Cattleya guttata* em função da sua grande área de distribuição. Existem citações para o estado do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além

de Sergipe e Bahia. Prefere áreas mais brejosas e raramente ocorre acima 100m de altitude. Possui híbridos naturais inclusive com o gênero *Brassavola*. *Lc x elegans* é seu híbridos mais conhecido (com *Laelia purpurata*).

Produz nova brotação no final do inverno ou princípio da primavera, florindo logo a seguir com a espata ainda verde. A floração pode se estender até o verão e ocasionalmente ocorrer também no inverno. As flores surgem em hastes com até 15 flores, (7-10cm de diâmetro). Em cultivo, aprecia ambiente de intensa luminosidade e muita umidade.

***Cattleya loddigesii* Lindl.**

Espécie bifoliada da Mata Atlântica e muito próxima da *C. harrisoniana* e aparece nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, com citação também para a Bahia. Cresce em locais situados entre 500 e 900m de altitude, nas encostas das montanhas, em área de muita neblina. Possui diversos híbridos naturais e o mais conhecido *C x dolosa* (com *C. walkeriana*).

Seu período de floração vai do outono até a primavera. Produz flores de até 9cm de diâmetro de colorido bem diversificado, variando do rosa claro até o rosa mais intenso pintalgado, além da forma alba (branca). Esta espécie passou por diversos processos de melhoramento genético (cruzamentos) dando origem a novas formas de cores e pintalgados.

Seu cultivo é mais fácil em locais de altitude e mais frios, protegida da luminosidade excessiva, com maior umidade durante os meses mais quentes (tanto ambiental quanto proporcionada pela rega) e um inverno mais seco. Pode, no entanto, ser cultivada em clima mais quente durante o ano todo, mas acaba por se tornar menos florífera.

Apesar da semelhança entre as duas espécies na prática observa-se que enquanto *Cattleya loddigesii* tem o auge de floração no inverno e a flor emerge da espata seca e a *C. harrisoniana* floresce no verão e suas flores se abrem com a espata ainda verde.

***Cattleya porphyroglossa* L. Linden & Rehb.f.**

Espécie bifoliada da Mata Atlântica, citada originalmente para os estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina. Atualmente é muito rara na natureza. Planta de porte variável, pode medir de 12 a 30cm de altura, e, às vezes, atingindo o dobro de comprimento. Possui um híbrido natural denominado *C. x schunkiana* (com *C. warneri*).

Floresce na primavera e no verão, carrega de 3 a oito flores não muito grandes (cerca de 7cm de diâmetro). Suas flores tem um colorido muito bonito, mas não chegam a se abrir completamente. Exala um perfume adocicado.

Pode ser cultivada em clima quente com luminosidade média e colocada em vaso ou em placas. Não tem necessidade de período de repouso no inverno.



Fig. 4 – *Cattleya loddigesii* 'Ademar Manarini'.



Fig. 5 – *Cattleya x dolosa*, híbrido natural entre *C. loddigesii* e *C. walkeriana*.



Fig. 6 – *Brassolaeliocattleya* Cadmium Light 'Belle Glade' x (*C. loddigesii* 'alba' x *C. guttata* 'alba'), este híbrido complexo tem 25% de herança genética de *C. forbesii*, 25% de *C. loddigesii* e 25% de *C. guttata*. Os restantes 25% são de espécies pulverizadas.

***Cattleya schilleriana* Rchb.f.**

Espécie bifoliada Mata Atlântica, encontra-se praticamente extinta na natureza. É uma planta de pequeno porte, nativa dos estados da Bahia e Espírito Santo onde tem sua dispersão limitada a 4 ou 5 municípios, ou seja, sua área de distribuição é bem restrita. O projeto Flora do Brasil registra também o estado de Minas Gerais. Vegeta desde o nível do mar até 800m, mas principalmente a partir de 400m de altitude, em condições de boa iluminação e ventilação com umidade ambiental elevada e com um sereno bastante pesado durante os meses de verão. Suas hastes lançam de 1-2 flores carnudas e brilhantes de 10cm de diâmetro, que geralmente se abrem logo após as chuvas da primavera, mas podem começar a florir deste junho-julho. Hoje em dia, encontram-se em cultivo, plantas exibindo um número elevado de flores. Possui um perfume adocicado de baunilha. Pode ser encontrada sob duas formas: a planta mais conhecida possui pseudobulbos eretos, finos e longos e de porte altivo, a outra forma é quase anã, de pseudobulbos fortes e cheios, de porte rasteiro, meio desordenado. As flores são quase idênticas no colorido e no tamanho. Às vezes tem um colorido meio avermelhado conhecido como "imperialis", mas que não chega a ser considerada uma variedade. Possui híbridos naturais com destaque para *C. x whitei* (com *Cattleya warneri*).

Na hibridação, tem a capacidade de transmitir uma boa estrutura da flor, a textura, a forma do labelo além de coloridos diferenciados.

Deve ser cultivada em clima mais ameno, ambiente de umidade bem elevada com uma boa ventilação e uma luminosidade bastante intensa, mas sem sol direto (60% de sombra). Dê preferência a um suporte duro, casca de peroba ou galhos de árvore. Se cultivada em vasos ou cachepots (gaiolas) de madeira, utilize casca de pinus e pedra brita. Sofre bastante com o replantio, deve-se fazê-lo após a floração quando começa a lançar novas raízes. Muito suscetível a ataque do inseto *Tenthecoris*.



Fig. 7 – *Cattleya tigrina* (= *C. leopoldii*).

***Cattleya schofieldiana* Rchb.f.**

Espécie bifoliada de grande porte pode atingir até 1,5m de altura. Nativa da Mata Atlântica, aparece nos estados da Bahia (Zaslowski, Brazilian Orchids) e Espírito Santo. O projeto Flora do Brasil considera como ocorrência nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Durante muito tempo foi considerada como uma variedade da *Cattleya granulosa*. Possui diversos híbridos naturais.

Surge desde 100 até 800m de altitude, com maior ocorrência entre 300 e 800m, em matas ciliares, procurando muita umidade. Cresce, como epífita, em árvores cobertas de musgo ou liquem, ou como rupícola, em rochas íngremes, quase verticais. Suas



Fig. 8 – *Cattleya schilleriana*.

hastes florais carregam 2-5 flores, que variam de 10 a 15cm, durante o verão ou no princípio do outono. Em geral, o pintalgado é intenso e constante, sendo muito difícil encontrar uma flor lisa.

Cresce bem em ambiente de elevada umidade ambiental, com luz moderada e bastante ventilação, não precisando de um inverno muito seco. Pode ser cultivada tanto em vaso como em placa.

***Cattleya velutina* Rchb.f.**

Espécie bifoliada de médio porte, atinge até 50cm de altura. Nativa da Mata Atlântica, ocorria originalmente nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro (Serra dos Órgãos)



Fig. 7 – *Cattleya tigrina* (= *C. leopoldii*).

***Cattleya schofieldiana* Rchb.f.**

Espécie bifoliada de grande porte pode atingir até 1,5m de altura. Nativa da Mata Atlântica, aparece nos estados da Bahia (Zaslawski, Brazilian Orchids) e Espírito Santo. O projeto Flora do Brasil considera como ocorrência nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Durante muito tempo foi considerada como uma variedade da *Cattleya granulosa*. Possui diversos híbridos naturais.

Surge desde 100 até 800m de altitude, com maior ocorrência entre 300 e 800m, em matas ciliares, procurando muita umidade. Cresce, como epífita, em árvores cobertas de musgo ou liquem, ou como rupícola, em rochas íngremes, quase verticais. Suas

hastes florais carregam 2-5 flores, que variam de 10 a 15cm, durante o verão ou no princípio do outono. Em geral, o pintalgado é intenso e constante, sendo muito difícil encontrar uma flor lisa.

Cresce bem em ambiente de elevada umidade ambiental, com luz moderada e bastante ventilação, não precisando de um inverno muito seco. Pode ser cultivada tanto em vaso como em placa.

***Cattleya velutina* Rchb.f.**

Espécie bifoliada de médio porte, atinge até 50cm de altura. Nativa da Mata Atlântica, ocorria originalmente nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro (Serra dos Órgãos)



Fig. 8 – *Cattleya schilleriana*.

e São Paulo. Na cidade de São Paulo, era encontrada às margens do Rio Tiete. Cresce em árvores cobertas de musgo, em matas ciliares e áreas alagadas, entre 400 e 1.000m de altitude. Suas hastes podem carregar de 1 a 2 flores (podendo chegar raramente a 20), com até 9cm de diâmetro. Suas pétalas têm margens onduladas e possui um perfume intenso (de pimenta) e diferente das outras espécies do gênero. Tem um período de floração bastante longo e que pode variar do final da primavera até o princípio do outono. Tanto ela quanto a *C. schilleriana* são de difícil germinação e desenvolvimento, mesmo na natureza. Nas populações naturais, cada hospedeiro trazia poucos espécimes, raramente chegando a 20, em contrapartida com a *C. warneri* que era encontrada à centenas por hospedeiro.

Possui alguns híbridos naturais já descritos e Érico de Fretias Machado citava o encontro de um híbrido desta espécie e *L. harpophylla*.

Planta muito sensível, é considerada como de difícil cultivo. Precisa de boa luminosidade, porém bastante protegida do sol direto e com elevada umidade ambiental. Em cultivo, seu substrato precisa ser mantido úmido, pois se suas finas hastes (tipo cana) enrugarem nunca mais volta à antiga robustez. Em contrapartida precisa de um sistema de drenagem bem eficiente e de clima mais ameno.



Fig. 9 – *Cattleya warneri*, o clone é resultado do cruzamento entre uma planta 'orlata' com o clone 'Aranda'.

***Cattleya warneri* T.Moore ex Warner**

Espécie unifoliada da Mata Atlântica, é uma espécie bem próxima da *Cattleya labiata*, porém, na natureza, a armação de suas flores é bem diferente. Ocorre na Bahia (sul), Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (norte), em altitudes que variam de 100 a 800m (maior ocorrência entre 400 e 600m), vegetando como epífita em matas densas, em enormes perobas e jequitibás, podendo também ser encontrada em locais de vegetação mais rala, mais próxima do solo ou até como rupícola.

Entre as espécies de *Cattleya*, suas flores são as maiores atingindo até 22cm de diâmetro. Elas são perfumadas e surgem em número de 2 a seis por haste. Floresce de setembro a novembro, ou mesmo dezembro, mas pode também antecipar e começar a florir em julho. Em geral, produz nova brotação no final do inverno ou princípio da primavera e floresce logo a seguir.

Em hibridação, tem grande força na transmissão da cor gerando flores de cor lisa mesmo quando hibridada com plantas de flores pintalgadas e também produzindo com flores grandes. Possui diversos híbridos naturais sendo *C. x whitei* o mais apreciado (já citado).

Pode ser cultivada em clima ameno ou quente, de preferência com um inverno mais frio e mais seco. Portanto, durante este período diminua a rega. Seu ambiente deve ter umidade mais elevada e luminosidade moderada.



Fig. 10 – *Cattleya x whitei* 'MG'. Este híbrido primário é resultado do cruzamento entre *C. schilleriana* e *C. warneri*.

Considerações finais sobre a Conservação do gênero:

Na Lista Vermelhas de Espécies da Flora do Brasil (CNCFlora, 2013) foram avaliadas 18 espécies do gênero *Cattleya*, das 29 tratadas nas duas partes deste artigo. Segundo os critérios analisados e seguindo normas internacionais, apenas *C. amethystoglossa*, *C. bicolor* e *C. nobilior* foram colocadas na categoria NT (“quase ameaçadas”), ou seja, ainda não qualificadas como ameaçadas, mas perto de se tornarem. Pelos critérios adotados, todas as outras 15 espécies estão ameaçadas de extinção na natureza, em diferentes graus de intensidade. *C. porphyroglossa* e *C. schofieldiana* estão na categoria CR (“criticamente ameaçadas”), ou seja, espécies que enfrentam um risco extremamente elevado de extinção na natureza, *C. dormaniana*, *C. schilleriana* e *C. tenuis*, foram classificadas como EN (“em perigo”), ou seja, enfrentam um risco muito elevado de extinção na natureza. Já *C. aclandiae*,

C. granulosa, *C. guttata*, *C. harrisoniana*, *C. intermedia*, *C. labiata*, *C. tigrina*, *C. velutina*, *C. walkeriana* e *C. warnerii* são avaliadas como VU (“vulnerável”), ou seja, enfrentam risco de extinção elevado na natureza.

Todas as espécies avaliadas pelo Centro Nacional de Conservação da Flora, com exceção de *C. walkeriana*, são espécies que ocorrem, ou ocorriam, no Bioma Mata Atlântica, no litoral do Nordeste ou nas regiões Sudeste e Sul. As principais causas das ameaças apontadas são a destruição dos ambientes onde ocorrem e/ou a coleta excessiva. Como conhecedores e apreciadores das orquídeas, temos a responsabilidade de conservar os ambientes aonde estas espécies ainda crescem para nós e para gerações futuras e, principalmente, não agir como ladrões de orquídeas da natureza. O cultivo adequado das várias espécies e inúmeras variedades que hoje estão disponíveis no comércio é a maneira certa para continuarmos admirando e propagando estas espécies tão atraentes.

Literatura consultada:

Araujo, D. 2016. *Cattleya* Lindl. no Brasil: regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Orquidário, 30(1-2): 5-25.

Braem, G.J. 1984. *Cattleya*: The Brazilian Bifoliate Cattleyas. Alemanha, Brücke-Verlag-Kurt Schmiersow. 96pp.

Brazilian Orchids – consultado em 01.12.2016.

<http://www.delfinadearaujo.com/on/on28/paginas/wlad2.htm>

Flora do Brasil – Reflora - consultado em 01.12.2016

<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do>

Hoehne, F.C. 1949. Iconografia das Orchidaceas do Brasil. São Paulo

Martinelli, G. & M.A. Moraes (orgs.) 2013. Livro Vermelho da Flora do Brasil. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 1100pp.

Menezes, L.C. 2004. Orquídeas do Planalto Central Brasileiro. Brasília, Edições IBAMA. 304pp.

Nota: lista completa dos artigos consultados em Araujo, 2016. Orquidário, 30(1-2).



ORCHIDS
Bela Vista
Especializado em espécies naturais reproduzidos em laboratório buscando o melhoramento da qualidade.
Visite nosso catálogo virtual

Mais de trezentos espécies disponíveis
Solicite um orçamento sem compromisso

Enviamos lista de preço mediante solicitação

Rua Sebastião Leite do Canto - 5/Nº (final da rua) - Assis - SP - Brasil
CEP: 19.800-121 - CX. Postal 203
Fone: 18-3324 8361 - Fax: 18-3325-1635
e-mail: belavista@bvorchids.com.br